
REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 28 No. 1 2015

ARTIGO

PRÁTICAS DE DESCARTE DE REFUGO EM UMA *PLANTATION* ESCRAVISTA: O CASO DA FAZENDA DO COLÉGIO DOS JESUÍTAS DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

Luis Cláudio P. Symanski*, Flávio dos Santos Gomes**, Isabela Cristina Suguimatsu***

RESUMO

Este artigo tem por propósito caracterizar e discutir as práticas de descarte de refugo dos grupos escravizados que ocuparam o Colégio ou Fazenda dos Jesuítas de Campo dos Goytacazes (RJ), um estabelecimento que tinha por principal atividade produtiva o cultivo da cana-de-açúcar. Escavações arqueológicas em quatro contextos de deposição relacionados à ocupação dos cativos e à ocupação da casa grande revelaram as similaridades e diferenças nas formas de se lidar com o refugo cotidiano entre esses dois grupos antagônicos. Essas formas de descarte dizem respeito tanto à manutenção quanto à modificação de práticas de descarte tradicionais, de origem africana. Os cativos, ao mesmo tempo em que aderiram a modificações nessas práticas em decorrência da imposição de um ideário higienista pela camada senhorial, foram aptos a manter formas mais tradicionais de lidar com os seus resíduos. Deste modo, as práticas de descarte de refugo consistiram em uma das diversas táticas que esse grupo empregou para manter uma cultura diferenciada daquela da casa grande e, assim, desafiar as normas sociais que lhe eram impostas.

Palavras-chave: senzalas, século XIX, análise distribucional, descarte de refugo.

ABSTRACT

This article approaches the refuse discard practices of enslaved groups who lived in the Jesuit Plantation of Campos dos Goytacazes (RJ). Archaeological excavations carried out in the slave quarters and in the planters' refuse disposal areas revealed similarities and differences in the ways of treating the daily garbage. The evidence suggests that enslaved groups were able to keep, in some contexts, traditional African discard practices, modifying these practices in other contexts according to the planters' hygienic precepts. In this sense, refuse discard was one of the several tactics that enslaved groups applied to keep a culture of their own and, thus, to challenge the social rules that planters tried to impose on them.

Key words: slave quarters, distributional analysis, refuse discard practices.

* Professor do Departamento de Antropologia e Arqueologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Email: luis.symanski@pq.cnpq.br

** Professor do Instituto de História e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

Escavações arqueológicas em quatro contextos da Fazenda dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes (RJ) nos anos de 2012 e 2014 revelaram formas diversificadas de descarte de refugo de diferentes grupos, sobretudo daqueles escravizados, que ocuparam este sítio nos séculos XVIII e XIX. Considerando os impactos da população escravizada de origem africana é possível analisar como essas formas de descarte dizem respeito tanto à manutenção quanto à modificação de práticas tradicionais de lidar com os resíduos produzidos no cotidiano em sociedades da África Central e Ocidental. Os contextos estudados demonstram que embora os grupos escravizados tenham adaptado práticas de descarte em função de um ideário higienista imposto pela camada senhorial, não aderiram plenamente a essas imposições, mantendo simultaneamente formas mais tradicionais de lidar com seus resíduos. Cabe destacar que este tema foi inicialmente abordado por Symanski (2012) e mais profundamente explorado por Suguimatsu (2012), que discutiu os processos de formação cultural dos contextos estudados a partir do estudo dos padrões diferenciais de fragmentação do material arqueológico e da aplicação do método de análise distribucional, este último aplicado a um contexto específico, a área NW 8.1.

As escavações efetuadas na Fazenda dos Jesuítas foram desenvolvidas no âmbito do projeto “Café com Açúcar: Arqueologia da escravidão no sudeste rural em uma perspectiva comparativa”¹. O projeto tem como objetivo o estudo da vida material da população escravizada nas *plantations* do sudeste do Brasil, a partir de escavações em senzalas coletivas e familiares de dois tipos principais de unidades de produção: engenhos de açúcar e fazendas de café. A partir de uma perspectiva comparativa buscamos obter informações sobre as diversificadas configurações econômicas, sociais e culturais desenvolvidas em função tanto da estrutura produtiva quanto da composição cultural diferenciada dos grupos escravizados. O foco recai, por um lado, nas estratégias de dominação empregadas pelos senhores nesses estabelecimentos e, por outro, nos mecanismos desenvolvidos pelos escravos para lidar com as mesmas. Tais mecanismos dizem respeito às possibilidades que eles buscaram para a realização de seus próprios projetos nessas estruturas de limitação e, por conseguinte, à capacidade de agência desses grupos.

O marco teórico adotado para abordar essas questões é o da teoria da prática, fundado na noção de que as relações humanas são simultaneamente sociais e materiais, de modo que a cultura material, a configuração do espaço e os hábitos de vida são tão fundamentais para a reprodução social quanto as relações sociais e as estruturas cognitivas e simbólicas (GOSDEN, 1999:120; McCALL, 1999:17-19). Central a esta teoria é o relacionamento recursivo entre a agência e a estrutura. A agência é situada nas condições estruturais, as quais consistem nos recursos, que se estendem de materiais e simbólicos e de tradições de execução a tradições de expressão. Consistindo, simultaneamente, no meio e no resultado da agência, os recursos compõem um campo de possibilidades que são reproduzidas e transformadas através das práticas,

¹ Projeto financiado pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Edital Universal 14/2011.

intencionais e não intencionais, que eles medeiam (BARRET, 2001:149-150). Cabe, ainda, destacar que a agência não é somente cultural e historicamente construída, mas também diferencialmente conformada sob diferentes regimes de poder (ORTNER, 2006:137). Este é um ponto central considerado neste projeto, que busca entender o que a cultura material presente nos contextos de senzala informa sobre a capacidade de ação desses grupos frente a um sistema opressivo, que os coisificava.

No caso deste artigo, a análise dessas questões se dá com base nas formas de uso do espaço da Fazenda dos Jesuítas. Seguindo as proposições de DeCerteau (1984), considera-se que este espaço, estruturalmente ordenado e regulado de acordo com uma ordem social dominante, visando um uso controlado e disciplinado, foi, na prática, diferencialmente consumido pelos grupos escravizados. O estudo da deposição dos resíduos cotidianos produzidos por essa população cativa revela, assim, algumas das diversas formas táticas que eles empregaram para esse consumo. A manutenção simultânea de práticas diferenciadas de descarte de refugio demonstra que esse grupo não somente foi apto a manter formas de deposição mais tradicionalmente africanas, como também adaptou aquelas que lhe estavam sendo impostas pela camada senhorial de acordo com seus próprios parâmetros culturais. Deste modo, as práticas de descarte de refugio consistiram em uma das diversas táticas que esse grupo empregou para manter uma cultura diferenciada daquela da casa grande e, assim, desafiar as normas sociais que lhe eram impostas.

ENGENHOS E ESCRAVIDÃO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES

A região de Campos dos Goitacazes teve o início da sua colonização nas primeiras décadas do século XVII. Antes era habitado pelos índios Goitacás, considerados "ferozes e bravios", dificultando a interiorização de colonos e o estabelecimento de propriedades. A mão-de-obra nesta região era predominantemente de população indígena, livres e escravos. Até o início do século XVIII predominou a atividade criatória de gado. A partir de então se desenvolveu a cultura da cana-de-açúcar. Em 1737 esta região possuía apenas 34 engenhos de açúcar. De 1750 para 1779 o número de engenhos passaria de 50 para 113. Já em 1779 existiam cerca de 180 fábricas de açúcar. Em 1785 contava-se 288 engenhos e engenhocas de aguardente. Segundo o que anotava o Marquês do Lavradio (1842), entre 1779 e 1789 os engenhos da região de Campos produziam açúcar "em maior abundância que o dos engenhos da capital e seu recôncavo".

De fato, na segunda metade do século XVIII, com a franca expansão da cultura açucareira na região de Campos, o número de fábricas multiplicou-se por seis. Em 1779 a região de Campos concentrava 52% dos engenhos de toda a Capitania e 43,6% da população escravizada. Nos derradeiros anos dos oitocentos existiam nesta região 324 engenhos, correspondendo a 52,6% do total de 616 engenhos de açúcar de toda a Capitania (FARIA, 1998; LARA, 1988).

A consequência desta expansão açucareira foi o aumento populacional. Com a demanda de mão-de-obra para trabalhar nas lavouras (FARIA, 1998; LARA, 1998) aumentou a entrada de escravos africanos no último quartel do

século XVIII. No final do setecentos, a população total da Capitania do Rio de Janeiro era de 179.595 pessoas, sendo 52,5% livres e 47,5% cativos. Nesta ocasião, Campos mantinha um dos maiores contingentes de escravos da Capitania, só perdendo para as regiões do recôncavo da Guanabara, próximas à Corte (SOARES, 2009).

Uma questão fundamental para esta região seria considerar os vários processos de crioulização e mudanças nos perfis da população cativa. Nos séculos XVIII e XIX há consideráveis transformações nessa população. Até meados do século XVIII, a população de Campos era majoritariamente indígena ou mestiça de origem indígena. Não sabemos exatamente a procedência destes índios. A população africana em Campos no final do século XVII e ao longo do século XVIII é diminuta e utilizada junto com a mão-de-obra indígena. Assim, o processo de crioulização em Campos dos Goytacazes se dá inicialmente com as populações indígenas (livres e escravizadas) e seus descendentes e as gerações iniciais origem africana. A partir da década de 1770, a população africana começa a chegar com mais força ao mesmo tempo que a população indígena começa a desaparecer devido ao fim da escravização indígena.

Numa amostra com escravos que aparecem em inventários na Capitania do Rio de Janeiro entre 1770 e 1790 temos 46,6% de africanos². Em Campos os índices de africanos irão aumentar sobremaneira nas últimas décadas do século XVIII. Com base nos registros de casamentos de cativos podemos avaliar estas transformações da crioulização entre meados do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX. Do total de 3.226 africanos que casam entre 1760 a 1810, apenas 22,3% estão concentrados entre 1760 a 1790. Ainda assim os crioulos no período de 1790 a 1810 perfazem 76,4%, qual seja, a entrada massiva de africanos não interrompe um processo contínuo de crioulização demográfica³.

Com base em registros de inventários *post-mortem* Soares (2009) abordou a estrutura de posse dos cativos em Campos dos Goytacazes entre 1750 a 1831. Até 1789, 90% viviam em estabelecimentos que mantinham de 1 a 49 cativos, sendo que 30% destes viviam em estabelecimentos de até 10 escravos. Somente 8% viviam em propriedades com mais de 50 cativos. Entre 1790 e 1808, estas tendências aparecerão invertidas com mais de 48 % dos cativos em grandes escravarias. No período de 1809 a 1825, estas tendências seriam novamente reequilibradas com quase 40% dos escravos trabalhando em propriedades de 20 a 49 escravos. No período de 1826 a 1831, o impacto do tráfico sobre esta população voltaria a se destacar, com quase 70% deles vivendo em propriedades de mais de 50 escravos. No século XIX haveria os seguintes padrões em Campos: alta incidência de centro-africanos, homens e jovens, vivendo em grandes escravarias. Em 1826 a população cativa já era de 52,5%, sendo que pardos e pretos livres, muitos dos quais libertos perfaziam 73,8% da população total.

² Uma amostra com 69 inventários constando 947 escravos com naturalidade determinada.

³ Pesquisas com 1929 registros de casamentos de escravos entre 1760 a 1810. Dados da paróquia de São Salvador de Campos dos Goytacazes.

Ainda com mais ênfase do que as propriedades leigas, as fazendas das ordens religiosas dos jesuítas e beneditinos tiveram processos diferenciados daquelas das demais grandes propriedades rurais da região, dado que contaram com o trabalho – em conjunto e contemporâneo -- de indígenas e africanos na mesma unidade produtiva no período da sua formação, nos séculos XVII e XVIII, passando por um intenso processo de crioulização demográfica e cultural. Em termos de regime escravista, tais fazendas ficaram conhecidas pelas características demográficas de maior equilíbrio entre cativos homens, mulheres e crianças (GRAHAM, 1979).

O COLÉGIO DOS JESUÍTAS.

O colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes foi fundado em meados do século XVII pelos padres da Companhia de Jesus, que desenvolveram, inicialmente, a atividade criatória de gado e, posteriormente, o cultivo e processamento da cana de açúcar. Com a expulsão dos jesuítas da colônia, em 1759, a propriedade passou para o controle da coroa portuguesa. Em 1781 o comerciante português Joaquim Vicente dos Reis, em sociedade com o seu tio João Francisco Vianna e o comerciante da Bahia Manoel José de Carvalho, arrematou, na Praça do Rio de Janeiro, a propriedade pelo valor de 187 contos. O trio recebeu a fazenda em 1781 com “... todos os seus pertences, casa, Igreja, engenho, seus acessórios, escravos, terras, e todas mais coisas e posses com que a possuíram os denominados jesuítas” (GUGLIELMO, 2011:27). Nesta época a fazenda mantinha quase 1500 cativos. Cabe destacar que a fazenda do Colégio, também conhecida como Fazenda de Nossa Senhora da Conceição e Santo Inácio, era a maior propriedade existente em Campos. Em 1796, contudo, morreram os dois sócios de Joaquim Vicente e este reteve a propriedade da fazenda, tornando-se assim, segundo alguns, o “mais rico e poderoso vassalo de Portugal no Brasil” (GUGLIELMO, 2011:03).

No ano de 1818, Saint-Hilaire visitou a fazenda deixando a seguinte descrição:

A fazenda do Colégio possui vários milhares de cabeça de gado, 1.500 escravos e tem cerca de 9 léguas quadradas de terreno, estendendo-se até ao [Rio] Macaé. [...] Em Colégio seguiram um plano de construção idêntico ao de S. Bento, porém em maiores proporções. Casas de negros, feitas de tijolos e cobertas de telhas, formam aqui os três lados de um pátio que tem cerca de 360 passos de comprimento por 250 de largura. Uma fachada comum à igreja e ao convento forma um dos pequenos lados do pátio, e, no meio deste há uma casa, sem dúvida construída pelos jesuítas para recreio dos índios e dos negros. Comparado ao resto do estabelecimento, o monastério propriamente dito não tem grande extensão; a igreja separa-o em duas partes e, de cada lado desta última existe um pátio comprido, entre ela e o convento. O engenho de açúcar dá para o pátio. Atrás das casas que o cercam há uma fileira exterior de casinhas igualmente destinadas aos escravos, porém na maioria cobertas de capim, e construídas com menos cuidado e ordem que as do pátio. Em um dos lados da fazenda há uma olaria e a alguma distância, um edifício inteiramente isolado onde tratam dos doentes. (SAINT-HILAIRE, 1941:416-417)

Com a morte de Joaquim Vicente, em 1818, o seu patrimônio foi herdado por suas três filhas, Maria Joaquina dos Nascimento, Ana Bernardina do Nascimento Reis e Joana Bernardina do Nascimento Reis. O maior beneficiário, contudo, foi o seu genro Sebastião Gomes Barroso, casado com Joana Bernardina, os quais detiveram a propriedade da fazenda (GUGLIELMO, 2011:77-79). Ele manteve a propriedade até a sua morte, em 1843. Quem herdou a fazenda foi o seu filho, o tenente-coronel Francisco de Paula Gomes Barroso (1822-1892) (LAMEGO, 1934:37). Com a sua morte, a propriedade foi herdada por seu filho, João Baptista de Paula Barroso.

A fazenda permaneceu, portanto, nas mãos dos descendentes de Joaquim Vicente dos Reis até a desapropriação da mesma pelo governo do estado, na década de 1970. Seu último proprietário, porém, João Batista Barroso, continuou vivendo na fazenda até o ano da sua morte, em 1980 (FERREIRA, s./d.). Até essa data, uma comunidade afro-descendente, muito da qual descendente direta dos cativos que viveram na fazenda, se manteve agregada à propriedade, ocupando a mesma quadra que originalmente conformava a senzala.

A sede da propriedade hoje abriga o Arquivo Público Municipal de Campos, sendo uma das mais antigas construções de Campos dos Goytacazes. Foi Tombada pelo Patrimônio Histórico em 1946. Com a morte de João Batista Barroso, o edifício foi abandonado. Em 1991 passou por processo de restauração para que fosse implantada a Escola de Cinema da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), sofrendo posteriormente novo abandono. Em 2001 foi implantando, no lugar, o Arquivo Público Municipal (FERREIRA, s./d.).

A COMUNIDADE ESCRAVIZADA DO COLÉGIO DOS JESUÍTAS

Até o momento não dispomos de informações sobre o perfil da comunidade escravizada da fazenda no período dos inicianos. É sabido, contudo, que estes exploraram largamente o trabalho escravo, sobretudo nas atividades relacionadas com o cultivo e processamento da cana-de-açúcar. Já no século XVI os jesuítas se estabeleceram em Angola e passaram a se valer das condições de vassalagem das populações conquistadas para financiar a empresa evangelizadora, o que incluía, além de outros tributos, a recepção de escravos. Passaram, assim, a se engajar ativamente no tráfico de escravos (ZERON, 2011:170-173). Cabe ainda destacar que eram comuns, em seus estabelecimentos, as uniões conjugais entre os africanos e indígenas (AMANTINO, 2008).

No ano de 1795 Couto Reis notificava que a propriedade de Joaquim Vicente dos Reis mantinha 1482 cativos, sendo 765 crianças, 340 homens e 377 mulheres (REIS, 1997 [1785]). Esse perfil era muito contrastante com as demais propriedades rurais da região, que, conforme discutido, tendiam a apresentar uma taxa muito mais elevada de masculinidade e um número reduzido de crianças. É condizente, contudo, com um padrão de reprodução natural da comunidade escravizada, sem a introdução de novos cativos pelo tráfico. De fato, a taxa de legitimidade – de pais casados perante a Igreja – dessa

comunidade era muito elevada, compondo 77% no ano de 1782 (FARIA, *apud*. GUGLIELMO, 2011: 29). Guglielmo (2011:29-30) observou que os casamentos, nesse período (1782-1783), ocorriam quase que integralmente entre os membros da dita comunidade, e que, na grande maioria dos casos, o compadrio estabelecido era com padrinhos e madrinhas da mesma comunidade. Portanto, no final do século XVIII a população escravizada da Fazenda do Colégio estava organizada por arranjos familiares. Tais arranjos levaram, nesse período, a taxas elevadas de reprodução natural. Apenas entre o início de 1782 e o final de 1783 foram registrados 123 nascimentos entre os cativos na capela da propriedade. Assim, no ano de 1796, a fazenda já contava com quase 2000 cativos (GUGLIELMO, 2011:29-30).

Essa população, contudo, já no começo do século XIX deixa de apresentar níveis ascendentes e decai sensivelmente, a confiar na informação de Saint-Hilaire (1941:416-417) sobre o número de 1500 cativos vivendo no Colégio no ano de 1819. Essa informação torna-se mais consistente ao se analisar o próximo documento que informa sobre essa população: o inventário de Sebastião Gomes Barroso, datado de 1843⁴. Neste documento são listados 1111 cativos. Há, assim, um declínio de 45% na população escravizada entre os anos de 1796 e 1843. Esse intenso declínio está muito provavelmente relacionado com o processo de partilha dos bens por ocasião da morte de Joaquim Vicente dos Reis. Este acontecimento teve, certamente, um impacto dramático na comunidade escravizada, dado que uma porção considerável dos cativos deve ter sido destinada aos demais herdeiros do mesmo, e assim forçada a abandonar a comunidade.

Com relação ao perfil demográfico, em 1843 essa comunidade era composta por 579 mulheres e 532 homens. Tal equilíbrio entre os sexos é condizente com uma continuidade no padrão de reprodução natural, a qual é ainda sugerida pelo grande número de crianças e jovens com a indicação de ambos os pais no inventário. Cabe destacar que há uma ausência total de africanos neste documento, indicando a não introdução de novos cativos via tráfico atlântico. De fato, as informações disponíveis fortemente sugerem que não houve introdução de africanos na fazenda desde a expulsão dos jesuítas em 1759. Isto significa que essa população, já no final do século XVIII, era essencialmente crioula, no sentido de nascida no seio da própria comunidade, sobretudo em arranjos familiares. Este padrão prosseguiu por toda a primeira metade do século XIX e, muito provavelmente, até a emancipação, em 1888, dada a proibição do tráfico atlântico em 1850.

O inventário de 1843 fornece ainda informações sobre a cor da pele dos cativos, sendo a maioria descrita como crioulo (63%), seguida por cabra (22,86%) e pardo (14,13%). De acordo com Karash (2000), o termo *crioulo* era empregado no Brasil para os escravos considerados como de ascendência africana direta tanto por parte de pai quanto de mãe. O termo *pardo* era usado ao lado de *mulato* para escravos de ascendência mista, europeia e africana. Já o termo *cabra* era um designativo para aqueles de ascendência mista, incluindo tanto os de ascendência indígena e africana, quanto os de ascendência indeterminada. Para

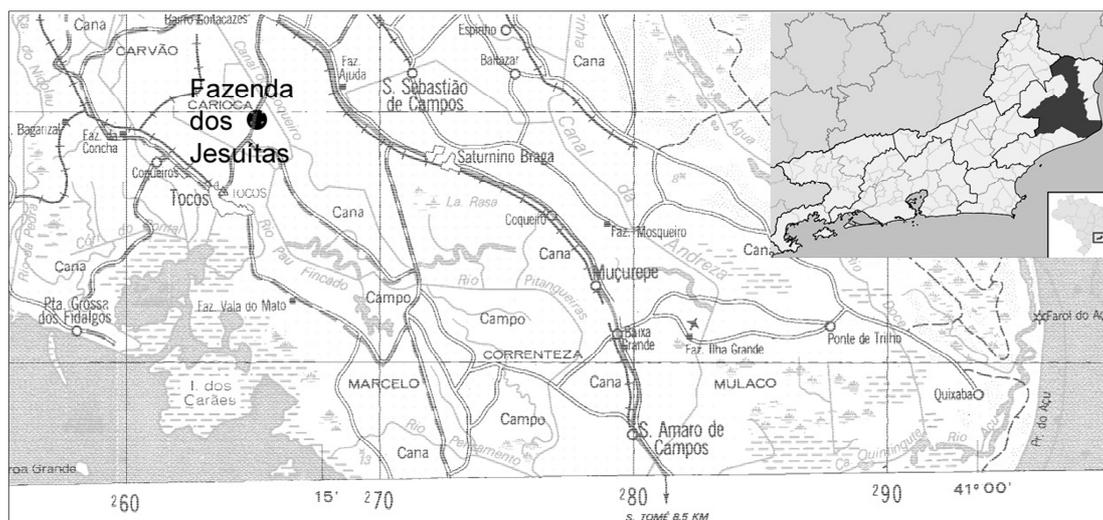
⁴ Inventário de Sebastião Gomes Barroso. Ano: 1843. Arquivo Público de Campos dos Goytacazes.

o caso da Fazenda do Colégio, contudo, é bastante provável que a população classificada como *cabra* representasse, sobretudo, aqueles indivíduos de ascendência mista indígena e africana, decorrente da mestiçagem entre esses dois componentes que ocorreu durante o período jesuítico.

Em suma, a comunidade escravizada do Colégio caracterizou-se, pelo menos desde meados do século XVIII, por arranjos familiares endogâmicos, por um alto grau de reprodução natural, e pela não inserção de novos cativos, como os africanos que entraram em peso na região durante o segundo quarto do século XIX. Esses elementos resultaram em um perfil demográfico de gênero bastante equilibrado e, assim, destoante das demais escravarias da região, caracterizadas, como já mencionado, por uma alta incidência de centro-africanos, homens e jovens (SOARES, 2009). Ocorreu, assim, no Colégio, ao longo dos séculos XVIII e XIX, um intenso processo geracional de criouliização, bem como a construção de um forte senso de comunidade entre a população escravizada.

O TRABALHO DE CAMPO

As escavações arqueológicas no Colégio dos Jesuítas ocorreram em duas etapas. A primeira se deu entre os dias 3 e 30 de julho de 2012 e a segunda de 08 a 30 de julho de 2014. Na primeira etapa foram contemplados dois setores: um de deposição de refugio referente aos ocupantes da sede, situado a 45 metros a noroeste desta edificação; e o outro 80 metros a norte da mesma, referente à extremidade noroeste de uma grande senzala em conformação de U situada de frente para a sede, cujas extremidades originalmente ultrapassavam a linha da parede frontal da sede da fazenda em aproximadamente 10 metros, formando uma praça de cerca de 200 x 250 metros (Figuras 1 e 2). Neste segundo setor foram abertas duas áreas de escavação, sendo uma referente a um espaço de uso cotidiano atrás da linha da senzala, e a outra consistindo em um espaço destinado exclusivamente à deposição de refugio, como será detalhado adiante. A segunda etapa foi focada em uma área de deposição de refugio dos ocupantes de um setor da ala sudeste da senzala, atrás da linha da mesma, localizada a 85 metros a sudeste da quina sul do solar (Figura 2). Neste trabalho o foco recairá nas duas áreas do setor da extremidade noroeste da senzala, fazendo menção aos demais setores escavados somente quando necessário.

Figura 1 – Localização da fazenda dos Jesuítas. Fonte: Folha IBGE SF-24-V-C**Figura 2** – Fotografia de satélite do Colégio dos Jesuítas. Fonte: Google Earth. A edificação originalmente mantinha outra seção ao norte da capela que espelhava a seção sul. O tracejado representa a quadra da senzala. 1- áreas de escavação NW 8.1 e, imediatamente a oeste, NW 8.3. 2- áreas NW 2.8 e, imediatamente ao norte, NW 3.8; 3- área SE 8.8.

Visando um entendimento inicial da estratigrafia, conteúdo, distribuição espacial, profundidade e integridade do registro arqueológico, optou-se pela abertura de duas trincheiras paralelas, cada qual subdividida em quadrículas de 1m². A primeira (trincheira NW 8.1), com nove metros de comprimento e a segunda (trincheira NW 8.3), a 14 metros a oeste da primeira, com onze metros. As duas trincheiras foram inicialmente rebaixadas em níveis de 10 cm, porém, com o aprofundamento das primeiras quadrículas, verificou-se que o impacto do arado sobre o registro arqueológico foi mais intenso até uma profundidade média de 25 cm. Abaixo desse nível o registro apresentou um maior grau de

integridade, com grandes fragmentos de ossos e de material cerâmico, em contraste com o nível 0-25, caracterizado pelo alto grau de fragmentação do material. Assim, optou-se por rebaixar os primeiros 20 centímetros direto, com o uso de enxadas, com o propósito de evidenciar o nível mais íntegro, iniciado a partir de 25 cm de profundidade. A camada arqueológica abaixo dos 25 cm foi, a seguir, rebaixada em níveis arbitrários de cinco cm, com o uso de colheres de pedreiro, visando à evidenciação do material na camada mais íntegra.

A partir da trincheira NW 8.1 foi aberta uma área de escavação de 3 x 6m. Abaixo dos vinte centímetros essa área passou a ser uniformemente escavada em níveis arbitrários de 5 cm, tomando-se o cuidado de deixar evidenciados os artefatos e ecofatos de médio e grande porte, os quais eram documentados por meio de fotografias após o nivelamento de cada nível. Essa porção mais íntegra apresentou, em média, 15 cm de espessura, de modo que, em termos gerais, essa área de escavação foi rebaixada até os 40 cm de profundidade. Cabe ser destacado que não foi verificada variação estratigráfica em termos de composição do sedimento nessas áreas. O sedimento apresentou-se argilo-arenoso, de coloração castanha. A única diferenciação diz respeito ao grau de compactação, que estava mais solto no nível impactado pelo arado e mais compacto no nível abaixo do mesmo.

As características deposicionais dessa área fortemente sugerem tratar-se de um espaço de atividades cotidianas atrás do lance da senzala, muito provavelmente utilizado pelos membros de uma ou mais das unidades domésticas do composto da senzala, conforme será detalhado adiante.

A quadrícula da extremidade SW desta área de escavação (referenciada como NW 8.2 q43) apresentou, a partir dos 30 cm de profundidade, uma grande concentração de carapaças de mariscos (família *Donacidae*, espécie *Donax hanleyanus Philippi*⁵), sobretudo na sua porção sudoeste. Enquanto que no restante da área de escavação o nível 40-45 apresentou-se estéril, esta quadrícula ainda apresentava uma concentração intensa de material, de modo que continuou a ser rebaixada. Aos 40 cm de profundidade começou a ser evidenciado um grande fragmento de prato de cerâmica torneada, o qual avançava no perfil referente às quadrículas 42 e 53. Visando melhor evidenciar essa concentração de material, a área de escavação foi expandida para a metade leste da quadrícula 53, e para os quadrantes noroeste da quadrícula 42 e nordeste da quadrícula 52. Essa área de expansão foi rebaixada até atingir o nível da quadrícula 43, a 40 cm de profundidade, visando, a partir de então, o rebaixamento simultâneo de toda essa área. A partir dos 40 cm esta área começou a apresentar uma alta densidade de material ósseo, fragmentos cerâmicos e carvão, concentrados no interior de uma estrutura de conformação circular de tijolos, no centro da qual se destacava um chifre de boi, ocorrendo ainda, no canto sudoeste, um dente de javali. O interior e o entorno da estrutura apresentaram, ainda, uma grande densidade de carapaças de mariscos da mesma espécie do nível anterior. Essa configuração demonstrou tratar-se de uma estrutura de combustão. A estrutura e o seu entorno foram rebaixados com o

⁵ Ver website <http://www.conchasbrasil.org.br/conquiliologia/descricao.asp?id=734>. Página consultada em 16 de outubro de 2012.

cuidado de evidenciar todo o material nela presente, chegando-se ao nível estéril aos 60 cm de profundidade (Figura 3). Para construir a fogueira, portanto, os ocupantes dessa área inicialmente cavaram um buraco de 20 cm de profundidade em relação à superfície de ocupação, e a seguir delimitaram o espaço da fogueira com tijolos, em uma conformação circular. Dentre o material ósseo encontrado no interior e adjacente à estrutura destacam-se quatro fragmentos de mandíbula, identificados pelo biólogo Manuel Ramos Júnior como referentes a um gambá, um carneiro, e dois porcos.

A presença de uma estrutura de fogueira nessa área de escavação é indicativa de atividades, sobretudo relacionadas ao preparo e consumo de alimentos, que se processaram no lugar em questão. Essa estrutura de combustão, assim, comprovou que esta área de escavação consistiu em um espaço adjacente à unidade de habitação, utilizada pelos ocupantes da senzala para a realização de práticas relacionadas à alimentação e ao lazer.

Com relação ao conteúdo material desta área, o material predominante foi o ósseo, consistindo em cerca de 50% do total da amostra, destacando-se animais domesticados como boi e porco, porém também com uma presença significativa de animais silvestres, sobretudo, em uma caracterização inicial, gambás e jacarés. Por fim, vestígios de espinhas de peixe também foram constantes. Isto aponta para um padrão de consumo não restrito aos prováveis animais de criação da fazenda, mas adicionado por espécies silvestres e peixes, indicando que os ocupantes da senzala complementaram suas necessidades de proteína animal por meio de atividades de caça e pesca.

Conforme mencionado, a 14 metros a oeste da trincheira da área NW 8.1 foi aberta outra trincheira, na área da quadra NW 8.3. As quadrículas dessa trincheira apresentaram uma escassa quantidade de material no nível do arado, referente aos primeiros 25 centímetros de profundidade, e imediatamente abaixo do mesmo. A ausência de material construtivo nessa trincheira consistiu em um forte indicativo de que esta área situava-se fora do espaço das edificações da senzala, tratando-se, assim, de um espaço adjacente à extremidade noroeste da senzala em U (Figura 2).

Por outro lado, o rebaixamento regular da trincheira no nível 30-40 permitiu verificar, na quadrícula 43, uma grande quantidade de telhas soltas fragmentadas, misturada com artefatos e com material ósseo. Essa concentração penetrava nos perfis leste e oeste da referida quadrícula. A distribuição vertical desse material demonstrava que uma camada superior de telhas encobria um nível rico em artefatos e ecofatos, delimitado, por sua vez, por outra camada de telhas que encobria um segundo nível rico em material cultural. Optou-se, assim, em expandir a área de escavação de modo a evidenciar a totalidade desta camada de telhas para, a partir de então, rebaixá-la. Esta feição se estendeu das quadrículas 63 a 15, ocupando uma área aproximada de 15 m² (Figura 3).

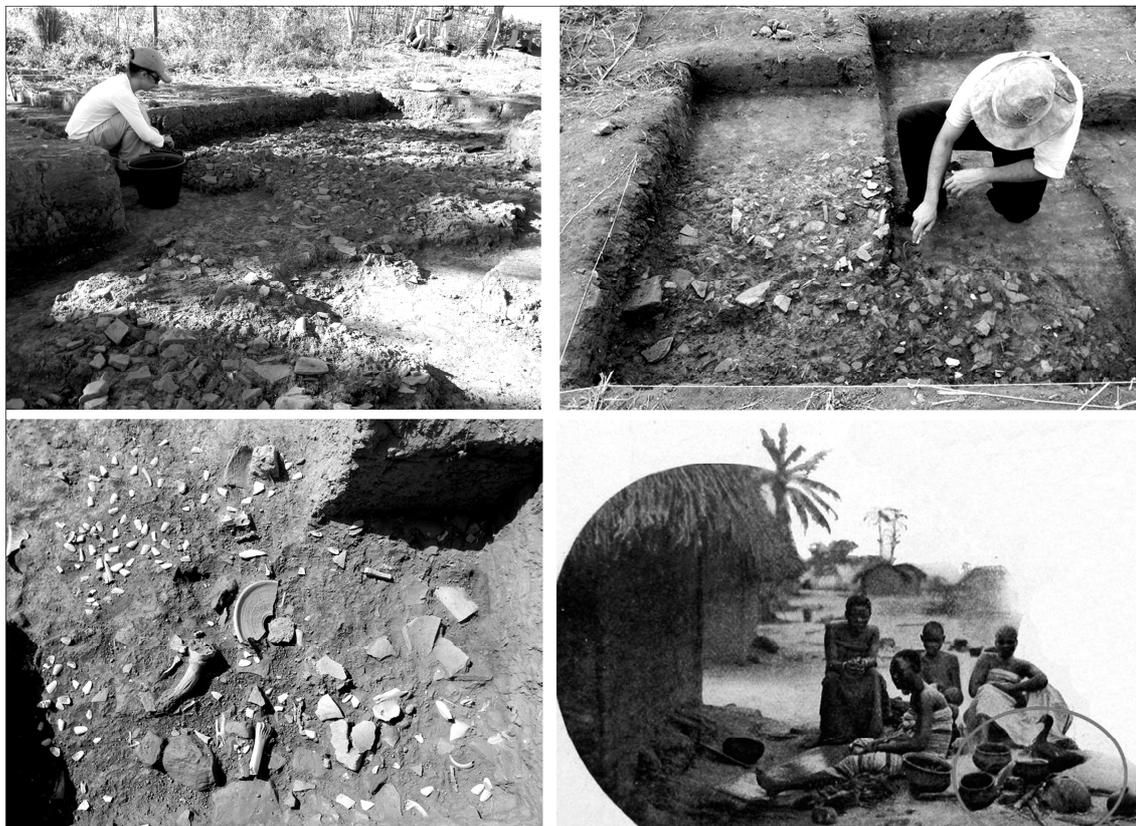
O topo da feição, embora irregular, apresentou-se a uma profundidade média de 31 cm. Após a evidenciação e registro, foi iniciado o aprofundamento da feição. Verificou-se, assim, a presença de uma grande quantidade de artefatos de maior porte, com maior grau de integridade, logo abaixo da primeira camada de telhas e de fragmentos que aparentemente recompõem peças inteiras ou

porções razoáveis de peças. Essa concentração de artefatos entremeados de telhas estendeu-se, em média, até os 50 cm de profundidade. A escavação dessa feição até sua base deixou claro que se tratava de uma área com uma concavidade irregular, rasa, de cerca de 20 cm de profundidade média em relação ao nível da superfície inicial de ocupação, a qual foi provavelmente rebaixada pelos ocupantes da área da senzala com o propósito de deposição do refugo de suas atividades cotidianas. As evidências arqueológicas sugerem episódios sucessivos de deposição de material nessa área, que se desenvolveram na seguinte sequência: após a abertura da concavidade foi depositada, provavelmente em diversos episódios de deposição, uma primeira camada de refugo, predominando material ósseo referente a restos alimentares, seguido por fragmentos de cerâmica artesanal e cerâmica torneada, e, em uma quantidade muito inferior, faiança fina e portuguesa, fragmentos de vidro, e fragmentos laminares de ferro e de cobre.

Logo acima dessa camada inicial de refugo foi depositada uma camada de fragmentos de telhas. A seguir outra camada de refugo seguida de outra camada de telhas. Finalmente, já no nível da superfície original, ocorreram os últimos episódios de deposição de refugo, cujo material entremeou-se com a camada superior de telhas. Após esse momento, a deposição nessa área restringiu-se a um descarte mais eventual.

Na área de deposição de refugo da sede da fazenda foram abertos nove metros quadrados de área escavada, em duas áreas de escavação, abertas nas quadras NW 2.8 e NW 3.8, com profundidade média de 40 cm (Figura 2). Foi recuperada, assim, uma amostra referente ao período entre o final do século XVIII e o último quartel do século XIX, incluindo uma grande quantidade de porcelanas européias, louças inglesas e restos alimentares, predominando ossos de bois. Na área NW 2.8 foi evidenciada, a partir dos 25 cm de profundidade, outra camada de telhas. Esta camada apresentou uma espessura média de 5 cm e, do mesmo modo como aquelas evidenciadas nas quadras NW8.2 e NW8.3, teve o propósito de encobrir o refugo que havia sido, neste caso, diretamente depositado sobre a superfície (Figura 3).

Figura 3 – De cima para baixo, da esquerda para a direita: estrutura de deposição da área NW 8.3 (senzala), encoberta por telhas; estrutura de deposição da área NW 2.8 (casa grande), encoberta por telhas; estrutura de fogueira da área NW 8.1 (senzala), localizada na quadrícula NW 8.2 q. 43; aldeia bacongo em Lusambo, na atual República Democrática do Congo. Observa-se o uso intenso da área adjacente à habitação. O espaço circulado nesta última foto diz respeito a uma estrutura de combustão em uso (Fonte: ANNALES DU MUSEÉ DU CONGO, 1907:17).



Já no setor sudeste da senzala (área SE 8.8) as escavações compreenderam quinze metros quadrados, sendo inicialmente demarcada uma trincheira de 9 x 1 metros, orientada no sentido W-E, a qual foi expandida em suas três quadrículas finais devido à evidenciação, a partir dos 40 centímetros de profundidade, de uma feição consistindo em uma mancha preta. Foi assim ampliada essa área na forma de uma quadra de 3 x 3 m, visando evidenciar uma parte dessa feição e rebaixá-la homogeneamente. Esta feição revelou-se um buraco de lixo escavado no sedimento argiloso, o qual foi preenchido em meados do século XIX. As quadrículas referentes à trincheira foram rebaixadas até uma profundidade média de 1,10m, ao passo que as referentes à área da feição foram rebaixadas até a exposição da superfície argilosa que consistia na base da mesma, chegando a uma profundidade de 1,40m. Cabe destacar que também nesta área foi verificada a presença de fragmentos de telhas que cobriam os demais vestígios de refugio, porém de uma forma menos estruturada do que aquela verificada na área NW 8.3.

Portanto, o mesmo padrão de deposição identificado na área NW 8.3 foi também evidenciado na área de descarte dos ocupantes do solar (área NW 2.8), bem como no setor sudeste da senzala (área SE 8.8), demonstrando tratar-se de

uma prática de descarte generalizada entre os ocupantes da Fazenda do Colégio. As razões que podem ter levado ao amplo compartilhamento desta prática serão consideradas mais adiante.

PADRÕES DE DATAÇÃO E DINÂMICA DEPOSICIONAL NOS ESPAÇOS DA SENZALA

Para melhor entender a dinâmica deposicional nas duas áreas do quadrante NW da senzala em termos de intervalo temporal de deposição, a Fórmula para a Datação Média de Louças, proposta por South (1972), foi aplicada às amostras de louças presentes nos distintos níveis de escavação. Trata-se de um método quantitativo que visa estabelecer datações médias de ocupação de um sítio histórico com base nas médias dos intervalos de produção dos tipos de louças identificados. Visando evitar distorções referentes a um grande número de fragmentos relacionados a somente uma peça contra somente uma peça representado por um único fragmento optamos por empregar a adaptação ao método proposta por Lima *et al.* (1989), a qual consiste em substituir o total de fragmentos pela totalização do número mínimo de peças (NMP).

De um modo geral, as louças da área 8.1 apontam para uma ocupação concentrada na primeira metade do século XIX, com um intervalo máximo entre 1760 e 1860, e um intervalo mais provável entre 1790 e 1850. Em uma amostra de 97 peças passíveis de datação, há um número reduzido de tipos, representado por somente cinco peças, cuja produção inicial se dá a partir de 1840. Destas, quatro peças fogem da sequência gradual de datação dos demais tipos, sendo referentes ao final do século XIX e início do XX, dizendo respeito, assim, a um descarte eventual posterior ao período de ocupação desse espaço. Uma situação bastante similar ocorre na área 8.3. Neste caso, apresentando também somente dois tipos com produção inicial referente à segunda metade do século XIX, os quais, igualmente, estão relacionados a uma deposição eventual tardia.

A tabela 1 apresenta os resultados obtidos para as áreas NW 8.1 e NW 8.3. Para ambos os casos optou-se por juntar as louças dos níveis 3 (30-40 cm) e 4 (40-50 cm) pelo fato dessas amostras apresentaram-se muito reduzidas nesses níveis. Pode-se observar que as datações médias dos níveis apresentam uma notável consistência cronológica em ambas as áreas, com as mais recuadas sendo referentes aos níveis inferiores e as mais recentes aos níveis superiores. É importante destacar que os níveis 1 e 2 foram os mais diretamente impactados pelo arado. Esperava-se, assim, que as datações médias para esses níveis não apresentassem consistência cronológica, devido à possibilidade do revolvimento do solo ter elevado materiais do nível 20-30 e rebaixado materiais do nível 0-20. Embora tal situação possa muito provavelmente ter ocorrido, essas datações indicam que seu impacto sobre os padrões de sobreposição do material arqueológico foi muito menos intenso do que seria esperado, não chegando a afetar totalmente a diacronia da deposição nesses níveis que foram mais expostos à ação do arado.

Tabela 1 – Datação média dos níveis das Áreas NW 8.1 e NW 8.3

	Área NW 8.1	Área NW 8.3
Nível 1 (0-20cm)	1826.8	1832.8
Nível 2 (20-30 cm)	1824.6	1821.5
Níveis 3+4 (30-50 cm)	1816.9	1800.6

O padrão de datações da área 8.1 sugere que houve uma continuidade nas práticas de deposição de refugo desde o início da ocupação dessa área, no princípio do século XIX. Já na área 8.3 verifica-se um hiato entre os níveis 3 e 4 e os dois níveis superiores, indicando que ocorreu uma intensidade de deposição neste espaço no final do século XVIII e início do XIX seguido de um período de pouca atividade deposicional. Cabe destacar que são justamente estes dois níveis inferiores que apresentaram a feição referente à concavidade para deposição de lixo coberta por fragmentos de telhas. Outro aspecto importante com relação às datações diz respeito à proximidade cronológica entre os níveis 1 e 2 de ambas as áreas, sugerindo uma contemporaneidade de deposição provavelmente a partir da segunda década do século XIX.

Os padrões de datação apontam, portanto, para a seguinte dinâmica deposicional: no período entre o final do século XVIII e o princípio do século XIX começou a atividade deposicional no espaço que engloba as duas áreas, sendo utilizada a concavidade evidenciada na área 8.3 como área de descarte do refugo produzido em uma ou mais unidades domésticas ocupadas pelos cativos então sob o domínio de Joaquim Vicente dos Reis. Com o preenchimento dessa concavidade, provavelmente durante a segunda década do século XIX, esse espaço passou a ser menos intensamente utilizado para o descarte de refugo. Após um intervalo de 10 a 20 anos, provavelmente a partir da terceira década do século XIX, já no período do proprietário Sebastião Gomes Barroso, teve início, novamente, uma atividade deposicional intensa nesse espaço, a qual se manteve até meados do século XIX. Para este período, há claras evidências, conforme será detalhado à frente, de que parte do material arqueológico foi depositado na mesma área de uso, configurando um padrão deposicional de refugo primário. A partir de então, esse espaço foi abandonado, sendo utilizado somente para o descarte eventual.

AS PRÁTICAS DE DESCARTE DE REFUGO

O estudo das práticas de deposição de refugo dos ocupantes da senzala da Fazenda do Colégio foi feito com base na comparação das características deposicionais do material arqueológico em uma perspectiva intra-sítio e intra-unidades. A perspectiva intra-sítio considerou as similaridades e diferenças na estrutura de deposição do material arqueológico nas quatro áreas escavadas. Já a perspectiva intra-unidades foi empregada exclusivamente na área NW 8.1, consistindo no estudo horizontal dos padrões de distribuição espacial das principais categorias materiais: louças (faiança portuguesa, faiança fina e porcelana), cerâmicas (torneada e acordelada) e ossos. Este tipo de análise, denominada análise distribucional, tem por propósito identificar os padrões de distribuição espacial das diferentes categorias materiais em um determinado

espaço, visando identificar áreas de atividades específicas e gerais, bem como os comportamentos de descarte dos grupos responsáveis pela formação do registro arqueológico. O foco nesta área para tal análise deveu-se ao fato, já mencionado, de a mesma apresentar características deposicionais condizentes com padrões de deposição primários, como será detalhado mais adiante.

Os padrões de deposição de refugio foram classificados de acordo com a terminologia proposta por Schiffer (1972) e South (1977). Segundo Schiffer (1972) há três categorias de refugio: *primário*, quando o material é descartado em seu contexto original de uso; *secundário*, quando o local de descarte final não é o mesmo do local de uso; e de fato, quando o material alcança o contexto arqueológico sem o desempenho de atividades de descarte. South (1977) expandiu essa classificação, identificando para os sítios históricos duas modalidades de refugio secundário: *periférico*, quando o refugio é descartado afastado da unidade de habitação aonde foi produzido; e *adjacente*, quando o descarte ocorre em um espaço imediato à unidade de habitação.

O PADRÃO DE DESCARTE SECUNDÁRIO: DOMINAÇÃO E PRÁTICAS HIGIENISTAS NA FAZENDA DO COLÉGIO

Conforme apresentado no item anterior, as escavações revelaram um padrão de descarte secundário que foi comum tanto aos senhores, ocupantes da casa grande, quanto aos cativos que ocuparam os dois setores investigados da senzala, demonstrando que ambos os grupos estavam dando a mesma forma de tratamento ao lixo por eles produzido. Esta consistiu no ato de depositar os resíduos, em grande parte material orgânico, em espaços exclusivamente destinados a este fim, afastados das unidades domésticas. Nesses espaços o lixo, após depositado, era coberto com fragmentos de telhas (Figura 3). É bastante claro que esse padrão de descarte tinha um propósito higiênico, visando impedir a disseminação do forte odor exalado pela matéria orgânica em decomposição, que atrairia para o ambiente doméstico, ratos e insetos como moscas e baratas. Do mesmo modo, a cobertura de telhas também protegeria dos itens cortantes, como fragmentos de vidros, louças e metais, depositados nessas mesmas áreas.

É bastante provável que essa prática de deposição higiênica, disseminada entre os senhores e os escravos do Solar do Colégio pelo menos desde o final do século XVIII, estivesse relacionada com a crença europeia nos miasmas. Até o advento da teoria microbiana de Louis Pasteur (1822-1895), na segunda metade do século XIX, o ar era considerado, de acordo com a teoria hipocrática, como um fluido elementar e não como o resultado de uma mistura ou de uma combinação química. Na segunda metade do século XVIII emergiu, na Europa ocidental, uma preocupação com a composição e a qualidade do ar e, assim, em detectar os gases e os ares que seriam nocivos à saúde. Dentre outras causas, esses ares nocivos, denominados miasmas, seriam produto dos corpos em putrefação, que liberariam moléculas que, uma vez respiradas, ocasionariam toda a sorte de doenças no organismo humano. Assim, durante a segunda metade do século XVIII emerge, na Europa, uma preocupação em combater tais focos de doença, seja pelo uso no corpo de substâncias tidas como anti-sépticas, seja buscando conter o escapamento de tais ares (CORBIN, 1987:21-31).

Para o caso do Brasil, tais preocupações higienistas teriam se disseminado somente após a chegada da família real portuguesa, sendo, porém, desenvolvido um projeto mais sistemático de higienização somente a partir de meados do século XIX. Tal projeto tinha por meta combater as grandes febres e surtos epidêmicos, baixar as elevadíssimas taxas de morbidade e mortalidade e eliminar os focos de infecção. Além do foco nas práticas de higiene e saúde pessoal, visava combater os focos de proliferação dos miasmas nos espaços urbanos, a partir do aterro de áreas alagadas, da dessecação de pântanos, charcos, mangues e águas paradas, da derrubada de morros para melhor circulação do ar e da remoção do lixo para áreas periféricas (LIMA, 1996:81-82).

É, portanto, bastante provável que a prática de cobrir o lixo com fragmentos de telhas nos espaços de deposição do Colégio dos Jesuítas tivesse uma intenção higiênica, visando conter os miasmas resultantes da matéria orgânica em putrefação, lembrando que a quantidade de restos alimentares, representados por ossos de animais, foi muito significativa em todos os contextos do sítio, perfazendo cerca de 50% do volume total da amostra. Trata-se, assim, de uma prática muito provavelmente regida por um ideário higienista europeu. Nesse sentido, a manutenção dessa prática no espaço da senzala aponta para a adoção de elementos dessa ideologia de sanitização pelos grupos escravizados do Colégio dos Jesuítas já no final do século XVIII e início do XIX, durante o período em que o português Joaquim Vicente dos Reis era o proprietário da fazenda. É provável que o próprio Joaquim Vicente, influenciado pela mentalidade higienista então em voga na Europa, tenha introduzido essa forma de deposição higiênica na fazenda. Cabe ser destacado que ele foi provedor da Santa Casa de Campos entre 1796 e 1798 (GUGLIELMO, 2011:6), ambiente no qual também pode ter sido exposto ao ideário higienista.

É importante lembrar que o discurso higienista fazia parte de um projeto de consolidação da burguesia europeia ocidental visando, segundo Foucault (1995:187), "... a construção de uma sociedade disciplinar que pretendia extrair dos corpos tempo e trabalho mais do que bens e riqueza". Tendo por propósito relacionar simbolicamente a desinfecção à submissão, a estratégia higienista buscava, assim, instituir a disciplina e o trabalho junto às camadas populares (CORBIN, 1997:194). Deste modo, a deposição higiênica de refugo na área da senzala consistiu provavelmente em uma prática imposta pelos senhores aos cativos, visando discipliná-los segundo determinados princípios civilizatórios europeu-ocidentais.

Por outro lado, embora o ato de cobrir o lixo com telhas possa estar relacionado a um ideário europeu ocidental, a prática de depositar o lixo em buracos é mais generalizada, sendo registrada desde sítios do neolítico europeu (GIFFORD-GONZALEZ, 2014:345) até os Estados Unidos dos séculos XVIII e XIX (DEETZ, 1977). É ainda importante considerar que essa foi uma prática bastante comum na África Ocidental, a exemplo de Gana (POSNANSKI, 2013) e Sierra Leone (Marcos André T. Souza, *com. pess.*), bem como dos africanos na diáspora, neste último caso sendo arqueologicamente documentada em sítios nos Estados Unidos e no Caribe (WHEATON & GARROW, 1985; FERGUSON,

1992:64). Tanto na África quanto nas Américas a argila retirada dos buracos era utilizada na construção das paredes das casas de pau-a-pique, sendo os buracos utilizados para a deposição de lixo. Para o caso do Brasil, esse tipo de estrutura foi anteriormente encontrado em um pequeno quilombo da segunda metade do século XIX em Chapada dos Guimarães (MT) (SYMANSKI & SOUZA, 2001), bem como no quintal de uma casa da comunidade remanescente de quilombo de Bom Futuro, em Vila Bela (MT), neste último caso ainda em processo de preenchimento (SYMANSKI & ZANETTINI, 2010:114).

Para o caso da Fazenda do Colégio, a ocorrência nos dois setores extremos da quadra da senzala, deste tipo de feição, fortemente sugere que essa prática foi generalizada entre os cativos e teve como referência práticas trazidas por seus ancestrais da África. No espaço da fazenda essas práticas foram pouco modificadas, com a única alteração significativa consistindo no recorrente encobrimento do refugio com fragmentos de telhas, em decorrência da imposição do ideário senhorial relacionado ao tratamento do lixo.

OS PADRÕES DE DESCARTE PRIMÁRIOS: SOCIABILIDADE E USO TRADICIONAL DO ESPAÇO NA COMUNIDADE ESCRAVIZADA

Conforme discutido, a área NW 8.1 consistiu em um espaço adjacente situado atrás de uma das unidades domésticas que conformava o eixo norte da quadra da senzala. Nesta área os resíduos foram descartados diretamente na superfície, sendo em muitos casos, relacionados a práticas que eram realizadas diretamente neste espaço, configurando situações de descarte primário, conforme demonstra a acumulação de vestígios dentro e no entorno imediato da estrutura de fogueira, bem como o padrão de distribuição espacial das categorias materiais que serão analisadas: louças, cerâmicas e ossos. É também provável que uma parcela desses vestígios seja decorrente da varredura do espaço doméstico, configurando, assim, descarte secundário. Nesta análise, contudo, a atenção será focalizada nos padrões de deposição primários que foram identificados por meio da análise distribucional.

Foi empregado o método de *grid generalization* (HODDER & ORTON, 1976:155-174), o qual consiste em dividir uma área em células quadradas, onde constam as suas respectivas densidades de artefatos, produzindo, a partir daí, uma tendência de superfície representada por um mapa de contornos, onde as linhas irão expressar gradientes distintos de densidade. Assim, quanto maior a concentração de linhas em um espaço, maior a densidade de material no mesmo. Este método tem fornecido resultados satisfatórios em contextos diferenciados, incluindo unidades domésticas urbanas e rurais (SOUZA & SYMANSKI, 1996; SYMANSKI, 2001), engenhos compostos por múltiplas unidades de habitação (SOUZA, 2007; SYMANSKI, 2012), um povoado de mineração (SOUZA & SYMANSKI, 1996) e o espaço interno de uma senzala (SOUZA, 2011).

Na área NW 8.1 o método foi empregado somente na área retangular de escavação, a qual compreendeu uma superfície de 18m². Foi estudada a distribuição dos ossos, louças (faiança portuguesa, faiança fina e porcelana) e cerâmicas (acordelada e torneada) nos níveis 1 (0-20 cm), 2 (20 - 30 cm) e 3 (30-50 cm), com o propósito de se avaliar possíveis variações diacrônicas de

deposição nos dois níveis inferiores, assim como o impacto do arado na estrutura organizacional do material depositado nos vinte centímetros iniciais.

Para o caso do nível 1 (0-20 cm), as três categorias materiais apresentaram uma configuração bastante dispersa, com os ossos apresentando quatro núcleos de concentração, as louças somente um e as cerâmicas dois núcleos (Figura 4). O único ponto de sobreposição das três categorias situa-se, predominantemente, na quadrícula 45. Conforme informado, este nível foi diretamente impactado pela ação do arado, a qual pode ter descaracterizado a espacialidade das evidências, levando a esses padrões distribucionais mais aleatórios.

Figura 4 – Padrões de distribuição espacial dos ossos, louças e cerâmicas da quadra NW 8.1, nível 0-20 cm.

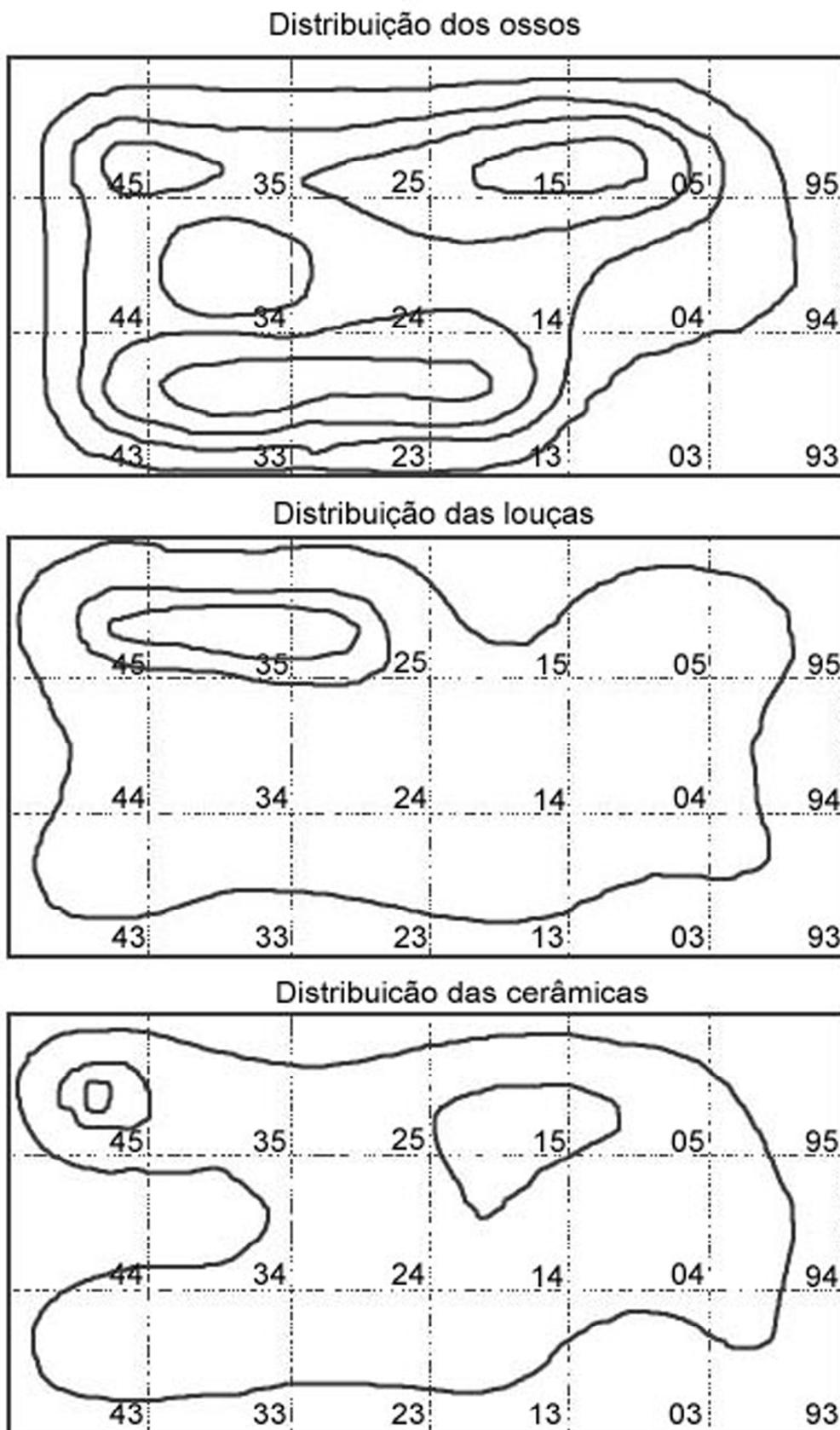


Figura 5 - Padrões de distribuição espacial dos ossos, louças e cerâmicas da quadra NW 8.1, nível 20-30 cm.

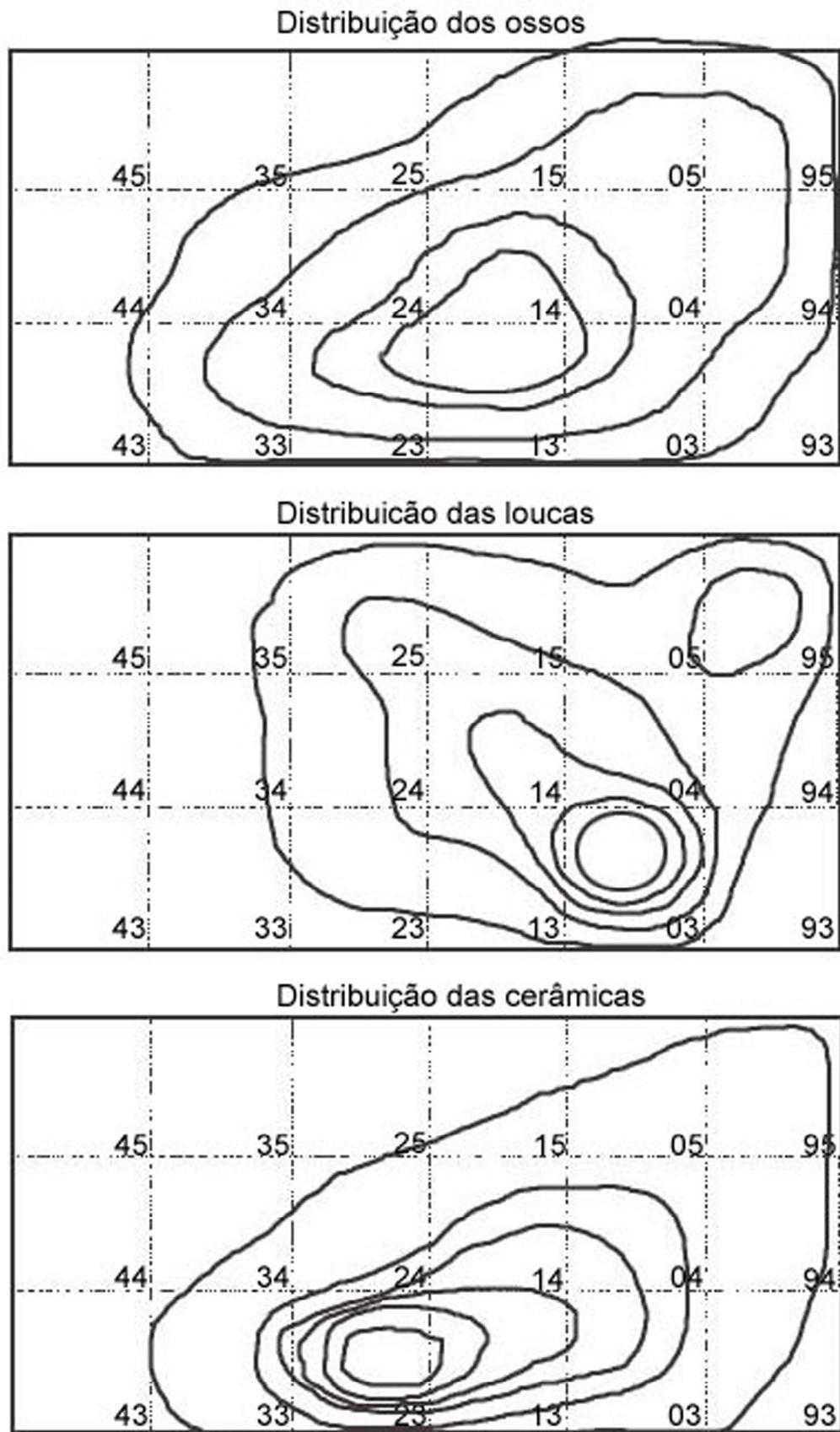
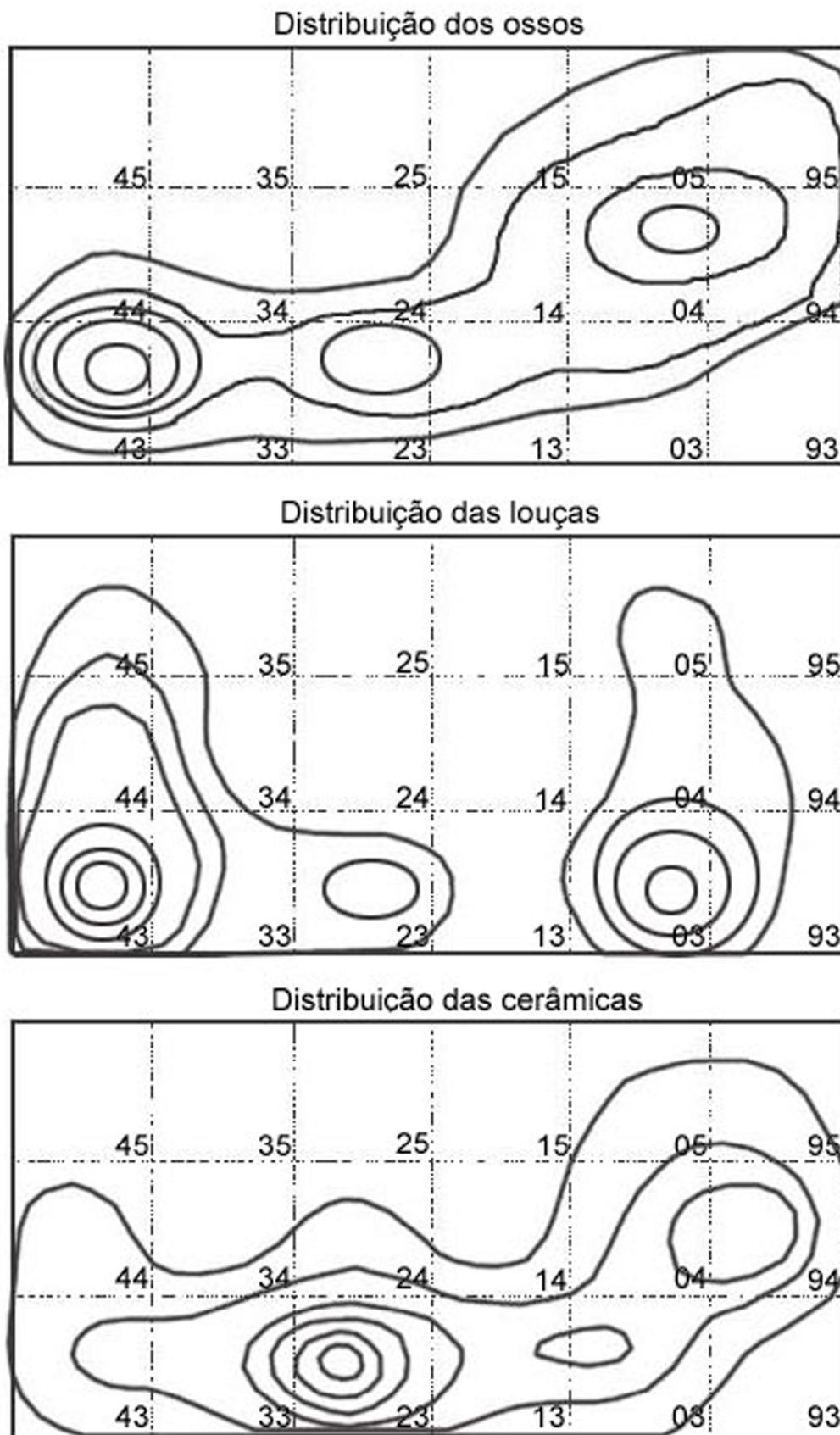


Figura 6 - Padrões de distribuição espacial dos ossos, louças e cerâmicas da quadra NW 8.1, nível 30-50 cm.



O nível 2 (20-30 cm), por sua vez, foi menos diretamente impactado pelo arado. Para este caso, verificam-se nítidos núcleos de concentração referentes a cada categoria material, os quais tendem a sobrepor-se na linha das quadrículas 3, 13 e 23 (Figura 5). Ao se contrastar a distribuição dos ossos com a das louças e das cerâmicas desse mesmo nível, torna-se claro dois aspectos: 1- as três categorias apresentam um núcleo central, a partir do qual o material se difunde; 2- os núcleos das três categorias estão contíguos, concentrados nas quadrículas 14, 23, 13 e 3. Este padrão distribucional pode ser mais bem visualizado na Figura 7, onde as linhas grossas fechadas representam os núcleos de concentração e as linhas finas pontilhadas o padrão de dispersão. É bastante difícil considerar que tal padrão distribucional seja produto de um descarte aleatório. Cabe destacar que os vasilhames cerâmicos estão vinculados, sobretudo, com a estocagem e preparo de alimentos, ao passo que as louças com o consumo de alimentos. Os ossos, obviamente, são o produto desse consumo. Essa distribuição, assim, fortemente sugere que o espaço representado por essas quadrículas consistiu, durante as primeiras décadas do século XIX (datação média: 1824.6), em uma área de atividades relacionadas com o preparo e o consumo de alimentos. Nesse sentido, é bastante interessante observar o padrão de dispersão das cerâmicas, o qual, a partir de seu núcleo na quadrícula 23, tende a seguir a orientação nordeste, em direção ao canto superior direito da quadra, ao passo que a dispersão das louças, a partir da quadrícula 3, apresenta uma orientação noroeste, como se as atividades relacionadas com as duas categorias materiais estivessem orientadas justamente para o núcleo do material ósseo.

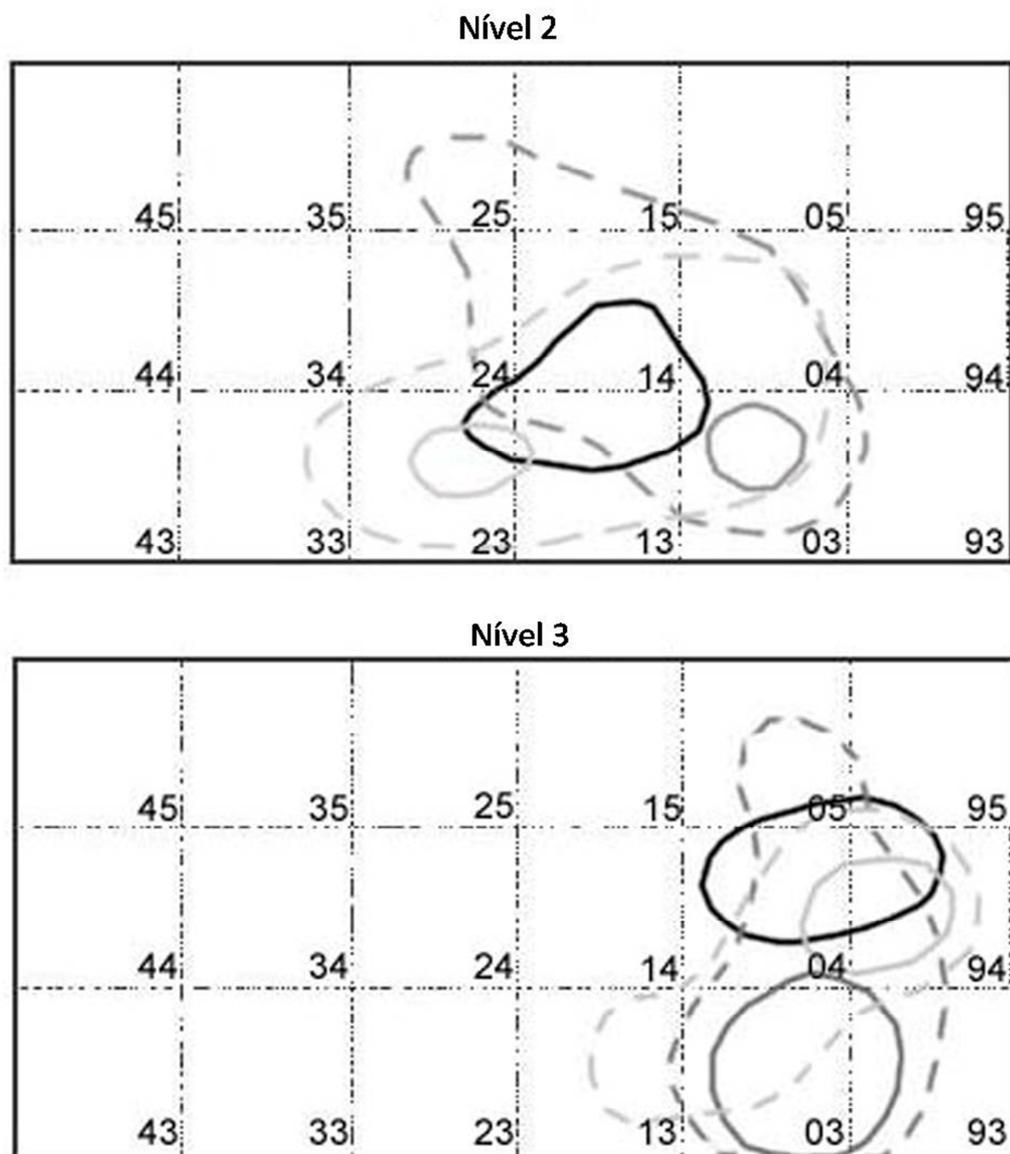
No nível 3 (30-50 cm, datação média: 1816,9) observa-se outros padrões distribucionais, os quais estão parcialmente correlacionados com aqueles definidos no nível 2 (Figura 6). Este é o caso do material cerâmico, que apresentou praticamente o mesmo ponto focal na quadrícula 23, além de uma área de concentração mais sutil na quadrícula 24. A louça, por sua vez, também manteve o núcleo de concentração da quadrícula 03, além de surgir outro sobreposto ao núcleo das cerâmicas do mesmo nível (quadrícula 23) e, por fim, um ponto mais denso de concentração, com núcleo na quadrícula 43. A continuidade de pontos focais de deposição de cerâmicas e louças entre os níveis 3 e 2 demonstra que houve uma certa manutenção de áreas de atividades relacionadas ao preparo e consumo de alimentos através do tempo. Por outro lado, este nível inicial de ocupação apresenta determinadas especificidades nos padrões distribucionais, sobretudo no que diz respeito às louças e ossos. Esta diz respeito a um núcleo denso dessas duas categorias na quadrícula 43, bem como a outro núcleo mais discreto de ambas na quadrícula 23, sobrepondo-se, assim, ao denso núcleo de concentração cerâmica presente nessa mesma quadrícula. Esses padrões distribucionais da metade sudoeste dessa área de escavação estão intimamente relacionados com a estrutura de fogueira anteriormente descrita, a qual foi evidenciada, a partir dos 35 centímetros de profundidade, na quadrícula 45 (Figura 3). São evidências diretas, portanto, das atividades centralizadas no preparo e no consumo de alimentos que ocorreram no entorno desta fogueira. Esta configuração consiste, portanto, em um padrão de deposição primário –

material descartado no mesmo local da atividade – concentrado no centro e no entorno da fogueira.

O padrão distribucional dos ossos e demais artefatos no centro e no entorno da estrutura de fogueira é similar ao identificado por Souza (2010:171-172) no interior de um recinto da senzala do Engenho de São Joaquim, em Pirenópolis (GO). Neste caso, dois lençóis de refugo, seguindo orientações contrárias, irradiavam da fogueira. Souza utilizou o modelo de Binford (1978, *apud.* SOUZA, 2010:173), derivado de seu trabalho etnoarqueológico entre os Nunamiut do Alasca, para explicar esse padrão distribucional. Binford observou que esses caçadores, quando sentados em volta de uma fogueira, descartavam os resíduos de suas atividades de duas formas: jogados imediatamente para trás, caindo em *toss zones*, ou zonas de recepção, ou abandonados no mesmo local de uso, em *drop zones*, ou zonas de queda (BINFORD, 1978:345 *apud.* SOUZA, 2010:173). Para o caso da estrutura de fogueira da senzala do Colégio dos Jesuítas, o pico de concentração dos ossos e louças verificado na quadrícula 43 e no seu entorno imediato pode consistir em uma *drop zone*, considerando que os cativos provavelmente se sentariam em volta da fogueira. Já o pico de ossos, louças e cerâmicas verificados na quadrícula 23 poderia ser referente a uma *toss zone*.

Há, por fim, outro padrão de concentração, verificado na metade leste da área de escavação, com foco nas quadrículas 04 (ossos), 03 (louças) e 94 (cerâmicas) do nível 3, o qual é referente a outro lócus de atividades de socialização relacionadas ao preparo e consumo de alimentos (Figura 7). Este padrão deposicional apresenta-se bastante similar ao evidenciado no nível 2 (Figura 7) em dois aspectos: 1- há uma nítida separação entre os núcleos de louça e cerâmica, ao mesmo tempo em que ambos estão quase em contato ou em contato com o núcleo de ossos; e 2- os padrões de dispersão das louças e das cerâmicas encontram-se, novamente, opostos, com as louças estendendo-se no sentido sul-norte e as cerâmicas no sentido nordeste-sudoeste, ambas sobre o núcleo dos ossos. Estes últimos, por sua vez, apresentam um padrão de dispersão mais centralizado em redor do núcleo. Esses padrões distribucionais sugerem, como no caso do nível 2, uma distinção entre duas áreas contíguas, uma mais vinculada ao preparo de alimentos, relacionada às cerâmicas, e outra ao seu consumo, representada pelas louças. Neste caso, ambas as áreas parecem estar de frente uma para a outra e em frente, ao mesmo tempo, à área de descarte dos resíduos alimentares, representados pelos ossos.

Figura 7 – Sobreposição dos núcleos (linhas fechadas) e das áreas de dispersão (linhas pontilhadas) dos ossos (em preto), louças (cinza escuro) e cerâmicas (cinza claro), dos níveis 2 (20-30 cm) e 3 (30-50 cm) da quadra NW 8.1.



Esses padrões de descarte primário e secundário adjacente que caracterizaram a área NW 8.1 são coerentes com aqueles mantidos por sociedades tradicionais centro-africanas da principal região de origem dos escravos que compulsoriamente migraram para o sudeste nos séculos XVIII e XIX – a região do Congo-Angola (CURTIN, 1969:208-211; KARASH, 2000:50-58). Registros fotográficos do início do século XX de grupos Bakongo, ocupantes do médio e baixo Congo, na atual República Democrática do Congo, documentam o intenso uso do espaço externo adjacente às unidades de habitação, utilizados tanto para a cocção de alimentos em fogueiras quanto para a deposição de refugo (Figura 3).

De fato, as formas de uso do espaço adjacente à casa pelos cativos da Fazenda dos Jesuítas tinham muito em comum com aquelas mantidas pelas

sociedades tradicionais da África Ocidental e Central. Nessas regiões as casas são utilizadas primariamente para dormir, estocar e abrigar, ao passo que outras atividades cotidianas, como trabalhar, cozinhar, comer e socializar ocorrem no lado externo (FERGUSON, 1992:69-71; SLENES, 2011 [1999]; HEATH & BENNETH, 2000:39). Essas formas de uso do espaço adjacente às unidades de habitação foram mantidas pelos africanos na diáspora, tanto no sul dos Estados Unidos e no Caribe (HEATH & BENNETH, 2000), quanto no Brasil (SLENES, 2011 [1999]:177-178; SYMANSKI & ZANETTINI, 2010:112-115). Nesse sentido, a estrutura de fogueira e os padrões de dispersão dos resíduos relacionados com o preparo e consumo de alimentos atrás da unidade doméstica demonstra que esses espaços consistiram em importantes núcleos de socialização dos grupos escravizados que ocuparam a fazenda.

A manutenção dessas práticas mais tradicionais de descarte, realizadas diretamente nesses espaços externos de socialização, foram, conforme discutido, mantidas simultaneamente à deposição higiênica em lixeiras mais periféricas. Tais evidências indicam que os cativos da Fazenda dos Jesuítas não assimilaram passivamente as práticas higienistas-disciplinares, impostas pelos senhores. Embora as tenham incorporado, nem por isso abandonaram suas práticas tradicionais de descarte, relacionadas a um convívio mais íntimo com os resíduos produzidos em seu cotidiano.

O caso da Fazenda dos Jesuítas apresenta-se, em alguns aspectos, similar ao estudado por Souza (2010:192-194) no engenho São Joaquim. Souza verificou que o espaço adjacente externo às senzalas foi mantido limpo, apresentando uma escassa quantidade de resíduos. Ele atribui essa limpeza da área externa ao controle do senhor visando manter a ordem e a disciplina no engenho, ao passo que o espaço interno das senzalas foi mais livremente gerenciado pelos cativos. Para o autor, este impedimento da deposição de resíduos do lado externo das habitações fez com que eles mais intensamente os depositassem no interior das mesmas, as quais apresentaram uma quantidade elevada de fragmentos de artefatos e ossos no nível do piso. Assim procedendo, os cativos expressavam uma relação com seus resíduos totalmente diferenciada da visão de mundo de seu senhor, relação esta com uma forte base cultural nos referenciais culturais de sociedades da África Ocidental e Central. No caso da Fazenda dos Jesuítas, contudo, o espaço externo adjacente às casas foi intensamente utilizado, com muito dos resíduos relacionados com essa utilização abandonados no próprio espaço das atividades, em um desafio mais aberto ao modelo de descarte adotado pela camada senhorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Três formas de deposição de refugo foram identificadas no espaço sujeito a investigações arqueológicas da senzala do Colégio. A primeira, relacionada a um padrão de deposição secundário-periférico, foi identificada em uma lixeira situada na extremidade da quadra da senzala (área NW 8.3) e na área SE 8.2. Em ambos os casos foram abertos buracos no substrato argiloso, onde o refugo depositado era sucessivamente encoberto por telhas, caracterizando, assim, uma prática de deposição higiênica provavelmente imposta pelos senhores, dado que

o mesmo processo foi verificado na área da lixeira secundária da sede da fazenda. A segunda forma, relacionada a padrões de deposição primários, de descarte dos resíduos no mesmo local de atividades, foi identificada na área adjacente dos fundos de uma das unidades de habitação da senzala (área NW 8.1), sendo o mais evidente aquele que envolveu atividades centralizadas no entorno de uma fogueira, além dos dois possíveis casos sinalizados pelos padrões contíguos de concentração e dispersão de material dos níveis 2 e 3. Por fim, há um bastante provável padrão de descarte secundário-adjacente, ou seja, referente ao refugo descartado nas proximidades imediatas do espaço doméstico aonde foi produzido, neste caso, logo atrás da estrutura de habitação.

Ao passo que o padrão de descarte secundário em buracos intencionalmente cavados para a retirada de argila consistiu em uma prática tradicional de diversas populações africanas, bem como de grupos africanos na diáspora, o encobrimento dos resíduos com telhas foi, provavelmente, uma adição decorrente da imposição do ideário senhorial, relacionado, conforme discutido, com a crença nos miasmas. Tratou-se, assim, de uma prática crioulezada de descarte, envolvendo elementos tradicionais africanos com referenciais europeus ocidentais.

Considerando a dinâmica geracional do processo de crioulezamento na Fazenda dos Jesuítas, primeiramente envolvendo indígenas e, a seguir, indígenas e africanos, talvez seja possível se estabelecer relações, com base na escavação em um maior número de contextos, entre as possíveis mudanças nas práticas de descarte de refugo e aquelas nos perfis de crioulezamento dessa população cativa entre os séculos XVII e XIX. Essa perspectiva diacrônica poderá levar a um melhor entendimento da genealogia dessas práticas e, assim, do papel que as retenções, as transformações e as trocas culturais exerceram na configuração dos resíduos que conformaram esse registro arqueológico.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Carlos Roberto Freitas, diretor do Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes, bem como às funcionárias Rafaela Machado e Larissa Manhães Ferreira, pelo total apoio à realização da pesquisa de campo. À equipe do campo de 2012, composta por Isabela Suguimatsu, Fernando Myashita, Patrícia Marinho, Bárbara de Ridder Barros, Caetano Tocchetto, Carlos Eduardo Lançoni, Daniele Jesus, Fernando Cantele, Jean Lovato, Kendra Andrade, Luara Stollmeier, Lucas Roahny da Silva, Monique Seidel, Sabrina Andrade, Suzana Munsberg e Tamires Lico. Por fim, a dois revisores anônimos, pela leitura acurada e boas sugestões feitas à versão inicial deste texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMANTINO, M. 2008. Relações sociais entre negros e índios nas fazendas inicianas: Rio de Janeiro, século XVIII. *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP-USP, São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008, Cd-Rom.

- ANNALES DU MUSEE DU CONGO. 1907. *Notes Analytiques sur les Collections Ethnographiques du Musée du Congo, Les Industries Indigènes, La Céramique*, fascicule I, tome II, Bruxelles.
- BARRET, J. 2001. Agency, the duality of the structure, and the problem of the archaeological record. In: HODDER, I. (Ed.). *Archaeological Theory Today*. Cambridge, Polity Press, pp.141-164.
- CORBIN, A. 1987. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo, Companhia das Letras.
- CURTIN, P. D. 1969. *The Atlantic Slave Trade: a Census*. Wiconsin, The University of Wiconsin Press.
- DECERTEAU, M. 1984. *The Practice of Everyday Life*. Berkley, University of California Press.
- DEETZ, J. 1977. *In small things forgotten: an archaeology of early American life*. New York, Anchor Books, Doubleday.
- FARIA, S. 1998. *A Colônia em Movimento: Fortuna e Família no Cotidiano Colonial*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FERGUSON, J. 1992. *Uncommon Ground: Archaeology and early African-America*. Washington and London: Smithsonian Institution Press.
- FERREIRA, L. M. s./d. *O solar do colégio e as políticas culturais: a preservação deste patrimônio e a sua resignificação*. Manuscrito não publicado, 14 pags.
- FOUCAULT, M. 1995. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal.
- GIFFORD-GONZALEZ, D. 2014. Constructing community through refuse disposal. *African Archaeological Review*, 31 (2):339-382.
- GOSDEN, C. 1999. *Anthropology and Archaeology: a changing relationship*. London, New York, Routledge.
- GRAHAM, R. 1979. *Escravidão Reforma e Imperialismo*. São Paulo, Perspectiva.
- GUGLIELMO, M. G. 2011. *As múltiplas facetas do vassalo "mais rico e poderoso do Brasil": Joaquim Vicente dos Reis e sua atuação em Campos dos Goytacazes (1781-1813)*. Dissertação de Mestrado. Niterói, Universidade Federal Fluminense.
- HEATH, B. J. BENNETT, A. 2000. The little Spots allow'd them: The archaeological Study of African-American Yards. *Historical Archaeology*, 34 (1):38-55.
- HODDER, L. ORTON, C. 1976. *Spatial Analysis in Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- KARASCH, M. 2000. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro*. São Paulo, Companhia das Letras.
- LAMEGO, A. 1934. *A Planície do Solar e da Senzala*. Rio de Janeiro, Livraria Católica.
- LARA, S. H. 1988. *Campos da Violência: escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- LAVRADIO, M. 1842. Relatório do Marques de Lavradio, Vice Rei do Rio de Janeiro, entregando o governo a Luiz de Vasconcellos e Souza, que o sucedeu no Vice-reinado". *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, tomo IV.
- LIMA, T. A. 1996. Humores e Odores: Ordem Corporal e Ordem Social no Rio de Janeiro, Século XIX. *História, Ciências, Saúde*, 2 (3):46-98.
- LIMA, T. A. et al. 1989. Aplicação da Formula South a Sítios Históricos do Século XIX. *Dédalo*, São Paulo, 27: 83-97.

- MCCALL, J. C. 1999. Structure, agency, and the locus of the social: why poststructural theory is good for archaeology. In: ROBB, J. E. (Ed.). *Material Symbols: Culture and Economy in Pre-History*. Carbondale, Southern Illinois University, pp. 16-20.
- ORTNER, S. 2006. *Anthropology and social theory: culture, power, and the acting subject*. Durham, Duke University Press.
- POSNANSKI, M. 2013. Digging through twentieth-century rubbish at Hani, Ghana. *Historical Archaeology* 47 (2): 64-75.
- REIS, M. M. C. 1997 [1785]. *Manuscritos de Manuel Martins do Couto Reis, 1785*. Rio de Janeiro, APERJ.
- SAINT-HILLAIRE, A. 1941. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- SCHIFFER, M. 1972. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*, 37 (2):156-165.
- SLENES, R. 2011 [1999]. *Na Senzala uma Flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. São Paulo, Editora Nova fronteira.
- SOARES, M. S. 2009. *A remissão do cativo: a dádiva da alforria e o governo dos escravos nos Campos de Goitacases, c.1750- c.1830*. Rio de Janeiro, Apicuri.
- SOUTH, S. 1972. Evolution and Horizon as Revealed in Ceramic Analysis in *Historical Archaeology. The Conference on Historical Site Archaeology Papers*, Institute of Archaeology and Anthropology. Columbia, University South Carolina, 6:71-116.
- SOUTH, S. 1977. *Method and Theory in Historical Archaeology*. New York, Academic Press.
- SOUZA, M. A. T. 2007. Uma outra escravidão: a paisagem social no Engenho de São Joaquim. *Vestígios. Revista Latino-americana de Arqueologia Histórica*, 1:59-92.
- SOUZA, M. A. T. 2010. *Spaces of difference: An archaeology of slavery and slave life in a 19th Century Brazilian Plantation*. Tese de Doutorado. Syracuse, Syracuse University.
- SOUZA, M. A. T. 2011. A vida escrava portas adentro: Uma incursão às senzalas do Engenho de São Joaquim, Goiás, século XIX. *Maracanan*, 7:83-109.
- SOUZA, M. A. T. SYMANSKI, L. C. 1996. Análise distribucional intra-sítio em Arqueologia histórica: algumas aplicações. *Revista de Arqueologia*, Rio de Janeiro, 9:25-42.
- SYMANSKI, L. C. 2001. Exposição e isolamento: práticas de descarte de refugio e mudanças de visão de mundo em um ambiente rural - o sítio Fazenda Camurugi (BA). *Revista de Divulgação Científica, Goiânia*, 4:113-138.
- SYMANSKI, L. C. 2012. The Place of Strategy and the Spaces of Tactics: structures, artifacts and power relations on sugar plantations of West Brazil. *Historical Archaeology*, 46:124-148.
- SYMANSKI, L. C. SOUZA, M. A. 2001. A Arqueologia Histórica: Relações Sociais e Construção de Identidades na Região do Rio Manso, Séculos XVIII e XIX. In: FRAGA, L. (Coord.). *Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Histórico-Cultural da Região da UHE Manso – MT: relatório final de atividades*. Goiânia, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia/Universidade Católica de Goiás, 406 p.
- SYMANSKI, L. C. ZANETTINI, 2010. Encontros culturais e etnogênese: o caso das comunidades afro-brasileiras do Vale do Guaporé. *Vestígios. Revista latino-americana de arqueologia histórica*, v. 4, p. 89-124, 2010.
- SUGUIMATSU, I. C. 2012. *Cultura material da senzala do Colégio dos Jesuítas: processos de formação do registro arqueológico em uma fazenda açucareira em Campos dos Goytacazes (RJ), século XIX*. Monografia de Graduação. Curitiba, Universidade Federal do Paraná.

WHEATON, T. R. GARROW, P. H. 1985. Acculturation and the archaeological record in the Carolina Low-Country. In: SINGLETON, T. (Ed.). *The Archaeology of Slavery and Plantation Life*. New York, Academic Press, pp. 239-59.

ZERON, C. R. M. R. 2011. *Linha de fé: a Companhia de Jesus e a Escravidão no processo de Formação da Sociedade Colonial (Brasil, séculos XVI e XVII)*. São Paulo, Edusp.

FONTES DOCUMENTAIS

INVENTÁRIO DE SEBASTIÃO GOMES BARROSO. 1843. Arquivo Público de Campos dos Goytacazes (RJ).